

A INTERPRETAÇÃO FIGURAL E A QUESTÃO DA TELEOLOGIA

Auerbach: leituras de Hayden White e Timothy Bahti

Raquel Abi-Sâmara
Doutora em Literatura Comparada UERJ
raquel.samara@uol.com.br

Erich Auerbach, propondo-se a pensar a representação da realidade na literatura ocidental, em *Mimesis*, promove a problematização do conceito de realidade – mesmo sem defini-lo com precisão em sua obra. Com seu método interpretativo, que parte da reflexão sobre pequenos trechos de clássicos da literatura, renova as discussões sobre a história literária e sobre a própria historiografia. A partir da noção de “interpretação figural” apresentada pelo romanista alemão em seu livro *Figura*, Timothy Bahti, em “Auerbach’s *Mimesis*: figural structure and historical narrative”, e Hayden White, em “Auerbach’s Literary History – Figural Causation and Modernist Historicism”, discutem a questão da teleologia e da influência hegeliana em *Mimesis*.

O foco de interesse deste ensaio concentra-se na investigação das abordagens teleológicas da obra *Mimesis*, feitas por Timothy Bahti e Hayden White nos referidos textos. Embora os autores concordem que a base histórica hegeliana é a condição necessária mas não suficiente para a composição dos livros de Auerbach, *Figura* e *Mimesis*, divergem em suas leituras teleológicas. Pretende-se mostrar que a dialética hegeliana é privilegiada por Bahti em sua interpretação, ao passo que White encontra na causalidade figural a justificativa para uma história modernista da literatura. A concepção estética (ou histórica) que White imprime à causalidade figural será enfatizada no desenvolvimento da questão que orienta este artigo. Pelo fato de as reflexões de Bahti e de White partirem de um solo comum, ou seja, do conceito de interpretação figural desenvolvido por Auerbach em *Figura*, faz-se necessária

portanto uma breve introdução a esse livro, para acompanharmos os caminhos críticos trilhados pelos comentaristas.

A análise de Auerbach inicia-se com a investigação da palavra *figura* – sua emergência e alterações de sentido derivadas da helenização da educação romana. As primeiras ocorrências de *figura* se dão no sentido plástico, trazendo a idéia de novidade e variação, algo vivo e dinâmico. A palavra no entanto não fica restrita ao sentido plástico, adquirindo também significado abstrato, quando se começa a falar de figuras (*formas*) de palavras no último século antes de Cristo. O termo *figura* indica então não somente *forma* sensível, como também *forma* gramatical, retórica, matemática, entre outras. O propósito de Auerbach é mostrar, como ele próprio afirma no último parágrafo de *Figura*, “como, a partir da base do seu desenvolvimento semântico, uma palavra pode evoluir dentro de uma situação histórica e dar nascimento a estruturas que serão efetivas durante muitos séculos”. (idem, p. 64) As estruturas aí mencionadas referem-se certamente à interpretação figural, que seria, digamos, um segundo momento na análise de Auerbach.

Para chegar a este tipo peculiar de interpretação, o autor avalia a apropriação do termo *figura* pelos Padres da Igreja, o que vem dotá-lo de um novo significado, a saber, *figura* passa a ser entendida como “algo real e histórico que anuncia alguma outra coisa que também é real e histórica” (idem, 27). Tertuliano (século IV) desempenha um papel importante nesse contexto, por ser um dos primeiros a imprimir, através de sua principal obra, *Adversus Marcionem*, esse novo significado no termo. O objetivo principal de Tertuliano é contrapor-se às idéias do gnóstico Marcion (século II), para quem “a natureza divina era dupla, porque o deus antigo tinha a propriedade de ser justo, sendo pois guerreiro e punidor dos pecadores, ao passo que o outro seria supremamente bom, sendo Cristo seu legítimo filho” (COSTA LIMA, 2000, p. 1-2). Para Marcion havia, portanto, uma descontinuidade entre o Velho e o Novo

Testamento, entenda-se, entre o deus justo e o deus bom respectivamente. Tertuliano, com sua concepção monoteísta, busca no Velho Testamento personagens ou fatos históricos que se dão como prefigurações da vinda do Salvador. Para exemplificar tal profecia fenomênica, Auerbach comenta trecho do *Adversus Marcionem*:

Tertuliano fala de Osée [sic], filho de Nun, a quem Moisés [...] chamou Josué [...] Aqui o nome Josué-Jesus é tratado como um acontecimento profético, antecipando coisas que viriam. Assim como foi Josué, e não Moisés, que conduziu o povo de Israel para a terra prometida da Palestina, assim a Graça de Jesus, e não a lei judaica, conduz o “segundo povo” para a terra prometida da beatitude eterna. (AUERBACH, 1997, p. 26-7)

Para Tertuliano, Cristo não significa o rompimento com a antiga Lei judaica, ao contrário, ele vem para continuá-la e renová-la. A antiga Lei e os acontecimentos do Velho Testamento são tidos portanto como uma *figura* do que vem a ser cumprido (ou *preenchido*) por Cristo. O traço de realista convicto, em Tertuliano, é tratado com bastante ênfase por Auerbach:

Vale a pena observar que Tertuliano negou expressamente que a validade literal e histórica do Velho Testamento pudesse ser diminuída pela interpretação figural. Ele era decididamente hostil ao espiritualismo e recusava considerar o Velho Testamento como mera alegoria; para ele seu significado era totalmente literal e real, pois, até onde havia profecia figural, a figura possuía tanta realidade histórica quanto aquilo que profetizava (idem, p. 28).

A profecia figural, observa Auerbach, envolve portanto dois termos, a *figura* e seu *preenchimento*. Este é constantemente designado como *veritas*, e a figura, por sua vez, como *umbra* ou *imago*. Mas tanto um quanto outro pólo são dotados de concretude histórica. Mas “tanto sombra quanto verdade são abstratas apenas em referência ao significado, a princípio ocultado para ser revelado em seguida” (idem, p. 31). Nesta interpretação figural, afirma

Auerbach, “o único fator espiritual é a compreensão, *intellectus spiritualis*, que reconhece a figura no preenchimento” (idem, p. 28).

Após o século IV, surgem interpretações alegóricas para o termo *figura*: Lactâncio, por exemplo, designa o sul e o norte como *figurae vitae et mortis* (figuras da vida e da morte). Em contraposição a Tertuliano, destacado por Auerbach por sua visão realística e histórica do termo *figura*, encontra-se Orígenes, com a abordagem espiritualista e alegórica que dá ao termo em seus comentários à Bíblia. Santo Agostinho tem um papel decisivo no que diz respeito a uma unificação das duas correntes, figural (viva, realística) e alegórica, embora tenha favorecido a primeira, pois seu pensamento era bastante histórico e concreto para se contentar com uma alegoria puramente abstrata (cf. idem, p. 33). “Embora Agostinho rejeite o espiritualismo abstrato alegórico”, escreve Auerbach, “e desenvolva sua interpretação do Velho Testamento com base na realidade histórica concreta, conserva no entanto um idealismo que transfere o acontecimento concreto, completamente preservado enquanto tal, para fora do tempo, e o transpõe para o plano da eternidade” (idem, p. 37). O termo *figura* passa então a ser dotado da noção de sentido mais profundo, de futuro, surgindo assim a noção de preenchimento derradeiro, associado a um futuro já previsto por Deus, para quem não há *differentia temporis* (diferença de tempo). Embora já estivesse presente em Tertuliano, a idéia da não diferença de tempo para Deus não foi desenvolvida por ele tão claramente como o faz Agostinho.

A interpretação figural, conforme Auerbach, tem sua origem justificada pela exegese patrística, baseada sobretudo nas epístolas paulinas, ressaltadas por Santo Agostinho. Esse tipo de interpretação é, portanto, datado, tendo surgido nas cartas de Paulo durante sua missão entre os gentios: “muitas eram respostas aos ataques e perseguições dos judeus-cristãos; quase

todas procuravam eliminar do Velho Testamento seu caráter normativo e mostrar que nele tudo é apenas uma sombra das coisas futuras” (idem, p. 44). Vale destacar que a Antigüidade tardia e a Idade Média foram fortemente influenciadas pela interpretação figural. O modelo figural da história, utilizado pela patrística, mostrou-se valioso para a expansão do cristianismo, pois a junção entre o Velho e o Novo Testamento apagava do primeiro o caráter de livro das leis e história do povo de Israel e o tornava um livro de prefigurações da vinda do Messias e, em última instância, da vida eterna.

PERSPECTIVAS TELEOLÓGICAS EM BAHTI E WHITE

Observa-se uma divergência teleológica entre Bahti e White, concernente à historiografia em Auerbach. Antes de iniciar propriamente suas apreciações críticas acerca de *Mimesis*, Bahti expõe de saída uma predisposição hegeliana para a leitura de Auerbach. Isso parece claro em dois momentos: 1) quando identifica *Mimesis* como simultaneamente o contra-exemplo e o sobrevivente do declínio e queda da historiografia alemã. Bahti sugere que o valor crítico de *Mimesis* pode ser acentuado se re-situado em seu meio intelectual alemão: num meio que vive uma crise ou perda de fé no historicismo. Menciona o fato de ter sido a Alemanha o país que mais profundamente acreditou na centralidade do pensamento histórico no século XIX – a tradição de Hegel, Ranke e Dilthey, e o primeiro a praticar, de 1860 ao início do século XX, enquanto a história literária prosperava na França, Inglaterra, Itália e América, a crítica geral e devastadora do historicismo. Essa tarefa teria sido iniciada com as obras *Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben* (Das vantagens e desvantagens da História para a vida) e *Zur Genealogie der Moral* (Genealogia da moral), de Nietzsche, e *Sein und Zeit* (Ser e tempo), de Heidegger, entre outras. *Mimesis* teria surgido então neste contexto

(cf. BAHTI, 1992, p. 141); 2) quando afirma que Auerbach permaneceu devoto às tradições de Hegel e do Historicismo, e viu sua disciplina de filologia românica como herança dessas tradições. (cf. idem, p. 141).

Bahti considera que o ponto principal de Auerbach – também o principal problema – no que diz respeito à interpretação figural, é precisamente que o esquema figural permite, a ambos os pólos (*figura* e *preenchimento*), fixar as características da realidade histórica concreta; embora um signifique o outro, ambos têm um significado que não é incompatível com seu ser real. O preenchimento, ou *veritas*, para Bahti, é privilegiado com relação à *figura* (*umbra* ou *imago*), pois se é ele que preenche com *veritas*, ele é mais verídico, mais verdadeiro que a *figura*, o que ameaçaria o valor da *figura* enquanto realidade histórica, concreta. Haveria, portanto, na *figura* uma primeira oposição. A segunda seria em relação à contraposição, apresentada por Auerbach em *Figura*, que surge ao lado dos termos “*figura* e *preenchimento*”, a saber: “*figura* e *historia*”, sendo *historia* ou *littera* o sentido literal ou o acontecimento relatado. Bahti frisa que Auerbach tentou explicar repetidamente como o preenchimento de uma *figura* prévia pode evitar aniquilar o valor da realidade histórica da anterior. Essa dificuldade, conforme Bahti, só seria algumas vezes suspensa em seu recurso à linguagem hegeliana, quando diz que o preenchimento “preenche e supera” [*erfüllt und aufhebt*] a *figura* mas ao mesmo tempo também a “revela e preserva” [*enthüllend und bewahrend*] (cf. idem, p. 144). Dentro da *figura*, na perspectiva de Bahti, a operação de cancelar-e-preservar o evento histórico-literal na produção de um signo espiritual (*intellectus spiritualis*) parece obedecer à economia da superação hegeliana. Baseando-se no texto de Bahti em questão e no artigo “La naissance de l’histoire littéraire dans l’esprit de la révolution”, João Cezar de Castro Rocha destaca o seguinte:

Na leitura de Bahti, cuja interlocução, embora não nomeada, parece remeter ao trabalho de Hayden White, a figuralidade amplia seu raio de ação, se revelando tanto um modo interpretativo quanto o próprio registro da escrita auerbachiana da história literária. Não mais um fato prefigura aquele que o consumará, mas uma rede de textos prefigurara o realismo moderno que deveria consumá-la. (ROCHA, 1994, p. 150-1)

O hegelianismo em Bahti, com relação ao seu entendimento do esquema figural, vai portanto se refletir em sua leitura de *Mimesis*, ao se ocupar especialmente dos capítulos de Dante e de Flaubert e ao entender o realismo figural de Dante como a *figura* (ou tese) do realismo francês (*preenchimento* ou antítese).

O mesmo não acontece no ensaio de Hayden White, que, por sua vez, propõe uma versão distintamente modernista – antecipada por Auerbach – daquele historicismo do qual ele era tanto praticante quanto teórico. O próprio *Mimesis*, acredita White, consiste numa aplicação desse historicismo modernista na história da literatura ocidental. White investiga o conceito de história literária elaborado no trabalho de Auerbach. Se *Mimesis* pode ser entendido como uma tentativa de se produzir um conceito de história literária, como argumenta White, o conceito em questão seria peculiarmente estético. (cf. WHITE, 1999, p. 87)

A noção de *preenchimento*, para White, é crucial para se entender a peculiaridade da concepção do que chama de redenção histórica em Auerbach. Esse preenchimento, identificado por White como um equivalente moderno do *telos* clássico e um equivalente secular do *apocalypse* cristão, permite a Auerbach prover a história de um sentido de progresso em direção a um fim que não é nunca realizável definitivamente nem mesmo totalmente especificável. Esse preenchimento permitiria a Auerbach o conceito de um modo singularmente histórico de causalidade, diferente das noções teleológicas antigas, por um lado, e das noções mecanicistas e científicas modernas, por outro (cf. idem, p. 88). White nomeia esse modo especial de causalidade histórica de “causalidade figural”.

O que permite a White a identificação de um historicismo modernista em Auerbach é precisamente a causalidade figural, que é uma causalidade livre do tradicional encadeamento de causa-efeito. Visualizemos essa causalidade a partir de um segmento de reta, que ligaria dois pólos – *figura* ou acontecimento histórico anterior (pólo 1) e *preenchimento* ou acontecimento histórico posterior (pólo 2). O sentido traçado por uma causalidade figural, no caso, partiria do pólo 2 para o pólo 1, o que estaria em oposição ao sentido numa causalidade tradicional, diga-se, que parte do pólo 1 (causa) para o pólo 2 (efeito). O *preenchimento* é então entendido por White como “uma espécie de força causal anômala, não determinante, como um fim ateleológico. Um preenchimento não é o efeito determinado de uma causa anterior, [...] nem a atualização (*Verwirklichung*) hegeliana de um conceito conformador” (*informing notion*) (idem, p. 88). E é analisando esse preenchimento dentro de um contexto de acontecimentos históricos – note-se que não se trata mais de um figuralismo teológico, como demonstrado por Auerbach – que White vai detectar o núcleo ou, digamos, a sede afetiva operante desse esquematismo figural.

Se os eventos naturais aceitam a causalidade, se podem ser explicados por uma relação entre causa e efeito, o mesmo não se dá com os eventos históricos, como destaca White. Dois eventos históricos podem ser narrados numa seqüência causal, tendo o evento prévio determinado o evento posterior, mas isso a rigor não significaria uma relação causal ou genética, isso seria um ato de *invenção*, o que suporia uma subjetividade operante, sem a qual não seria possível a aproximação por similitude entre eventos diversos em tempos históricos diferentes ou não. No figuralismo histórico, ou estético, como quer White, dois eventos são aproximados por similaridade, sendo que o último seria o preenchimento do anterior. Como estamos falando de fora de uma ordem divina (relembrando, não estamos mais restritos ao esquematismo de um figuralismo teológico), e como não estamos subordinados ao

entendimento tradicional de causalidade, essa aproximação por similaridade seria meramente estética, ou seja, não haveria uma instância teleológica ou um Absoluto que comandasse ou aguardasse o desenrolar de tal operação. A sede afetiva operante, como designamos acima, trabalha com categorias estritamente estéticas, uma vez que faz a aproximação – por semelhança – de formas, de conteúdos ou de relações entre formas e conteúdos.

A relação entre a cultura renascentista italiana e a civilização clássica greco-latina é selecionada por White para ilustrar o funcionamento deste figuralismo estético, fundado numa causalidade figural. Se a cultura renascentista italiana é entendida como preenchimento da civilização greco-latina, essa relação é um resultado de *decisões* de agentes históricos do evento mais recente. Os dois eventos podem aparentemente não ter algo em comum, o que importa são as *escolhas*, feitas por esses agentes, de elementos do primeiro evento histórico que possam se assemelhar com elementos ou ideais do segundo evento. Cria-se com isso uma relação genealógica, como sugere White, entre os dois momentos. Os agentes *escolhem* seus predecessores, e consideram seus dotes culturais e a si próprios *como se* descendessem do protótipo anterior (cf. idem, p. 89). Esse modo peculiar de lógica causal foi também detectado por Jorge Luis Borges em ensaios sobre Kafka e Nathaniel Hawthorne, em que escreve: “(...) *un gran escritor crea a sus precursores. Los crea y de algún modo los justifica*” (BORGES, 1989, p. 678). A palavra-chave deste preenchimento – seja o realizado pelos agentes históricos renascentistas, seja o realizado pelo grande escritor ou seus intérpretes – é *escolha*. E esta pressupõe uma subjetividade, um ato criador.

Seria bom reforçar, com relação ao pensamento de White, que no momento da *escolha* pelos agentes históricos há uma inversão dos sinais vetoriais, se comparados aos vetores contidos nas noções tradicionais de causalidade: não se desloca de um passado para um presente, e sim de um presente para um passado. Soa estranho, no entanto, falar-se de

“deslocamento” do presente para o passado (uma vez que nesse trajeto ficcional não há a idéia de continuidade temporal), pois as escolhas feitas por esses agentes são pontuais, resumem-se a qualidades ou elementos estéticos de um dado momento, buscados como que num arquivo pelos agentes em questão.

Essa exclusividade do figuralismo estético ou historicista, de relatar partindo do acontecimento mais recente para o anterior, já é antecipada por Marx, segundo observação de White. Para Marx, o entendimento da Revolução francesa de 1848 como consequência da Revolução Francesa de 1789 é errôneo, pois uma não se relaciona com a outra a não ser “genealogicamente”, na medida em que os agentes da última identificam sua revolução, justa ou injustamente, como uma complementação da anterior. White refere-se ainda a outra declaração marxista precursora deste figuralismo: “Quando Marx diz que, na evolução biológica, é o homem que explica o macaco [...], está antecipando um caminho distintamente historicista de relatar do último fenômeno para o anterior”(WHITE, 1999, p. 95).

Apresentada a articulação crucial do ensaio de White, que, em nosso entender, é a causalidade figural (*figural causation*) e suas consequências (a concepção estética ou histórica de figuralismo e seu acento no *ato* de apropriação retrospectiva de um evento anterior), vamos nos dirigir à sua interpretação do *Mimesis*, de Auerbach, e, em última instância, de como compreende a historiografia modernista do romanista alemão. “*Mimesis*”, comenta White, “não é apenas uma história de um tipo específico de representação literária, isto é, figuralismo, mas é também uma história concebida como uma sequência de relações figura-preenchimento. Em outras palavras, o modelo figura-preenchimento é usado por Auerbach para dispor a trama diacrônica da história da literatura ocidental” (idem, p. 91). Ao destacar a díade figura-preenchimento enquanto um modelo para a compreensão das dimensões sintagmáticas do *Mimesis*, isto é, como meio de delinear períodos na evolução do realismo

literário, White pergunta-se pelas dimensões paradigmáticas na obra de Auerbach, o que tornaria possível a análise das relações intrínsecas em um dado período:

Se o que Auerbach chamou de estrutura figural (*Figuralstruktur*) serve como um modelo para transformar uma série de períodos em uma seqüência de figuras e seus preenchimentos, dispondo com isso o paradigma para um mapeamento do eixo sintagmático de acontecimento histórico, então serve também como um modelo para caracterizar a relação entre um texto específico e um estilo de período, por um lado, e o estilo de um texto e seu contexto, por outro (idem, p. 94).

O fato de White privilegiar o conceito peculiarmente estético na história literária de Auerbach não significa que não reconheça no autor uma herança historicista:

Superficialmente, claro, a própria historiografia de Auerbach, especialmente como representada por *Mimesis*, encarna a posição historicista, da qual é tanto teórico quanto historiador. Certamente, em muitos aspectos, a doutrina do historicismo é a chave para a compreensão de sua história do realismo literário. O crescimento do realismo na literatura ocidental é narrado por Auerbach, em *Mimesis*, como coextensivo e mesmo sinônimo do crescimento daquele ponto de vista historicista que se cristalizou na Alemanha no começo do século XIX. Num dado momento ele afirma que o realismo literário, como representado por Balzac, não é nada mais que um produto do impulso especificamente historicista de ver “o presente como história”. (idem, p. 96)

Segundo White, o historicismo não é tratado por Auerbach como uma *Weltanschauung* específica do século XVIII e XIX, isto é, como uma perspectiva transcendental na realidade humana. Ao se referir ao último capítulo de *Mimesis*, “A meia marrom”, em que Auerbach compara modernismo literário (Joyce, Woolf, Proust) e realismo (Stendhal, Balzac, Flaubert), White afirma que o autor propõe uma forma de historicismo modernista tão radicalmente diferente de seu protótipo novecentista que parece consistir na rejeição da própria história (cf. idem, p. 98). Na verdade, o que Auerbach vai rejeitar, como conclui White, não é a história mas sim sua forma novecentista. É no momento em que Auerbach compara sua análise textual ao estilo de Virginia Woolf, como destaca White, que se torna clara sua posição de historicista modernista. Citemos o trecho em questão:

Pode-se comparar este procedimento dos escritores modernos com o que alguns filósofos modernos que acham que da interpretação de poucas passagens de *Hamlet*, *Fedra* ou *Fausto* podem-se obter informações mais importantes e decisivas sobre Shakespeare, Racine ou Goethe e sobre suas épocas, do que a partir de conferências que tratem sistemática e cronologicamente das suas vidas e das suas obras; o presente trabalho pode ser tomado como exemplo disso. Nunca poderia ter escrito algo como a história do realismo europeu; ter-me-ia afogado na matéria [...] (AUERBACH, 1987, p. 493)

O estilo de Virginia Woolf, em trecho de “A meia marrom, citado em *Mimesis*, parece assemelhar-se à análise auerbachiana também no seguinte aspecto: não é narrada nenhuma grande ação, pelo contrário, são pequenos acontecimentos no cotidiano – como a mãe que mede a meia no filho, como alguém que passa na janela – entrecortados por longos movimentos internos, que se realizam na consciência dos personagens, muito embora haja uma história de fundo. Em *Mimesis*, a preocupação de Auerbach também não parece ser a de construir uma grande narrativa que privilegie a precisão dos encadeamentos históricos. Em sua interpretação há também, de certo modo, longos movimentos internos, uma vez que suas reflexões partem quase sempre de pequenos excertos de clássicos literários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AUERBACH, Erich. *Figura*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. *Mimesis – a representação da realidade na literatura ocidental*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BAHTI, Timothy. Auerbach's *Mimesis*: figural structure and historical narrative. *Allegories of History – Literary Historiography after Hegel*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1992, p. 137-155.
- BORGES, Jorge Luis. Nathaniel Hawthorne; Kafka y sus precursores. *Obras completas de Jorge Luis Borges- 1923-1972*. Otras Inquisiciones. Buenos Aires: Emecé Editores, 1989.v. 1.
- COSTA LIMA, Luiz. Tertuliano. Em apostila do curso *Perspectivas comparadas* ministrado para o Doutorado em Literatura Comparada por Luiz Costa Lima. UERJ, setembro de 2000.
- ROCHA, João Cezar de Castro. A história literária entre o estético e o estetizante: a escrita e a reflexão de Erich Auerbach. *Erich Auerbach: 5. Colóquio UERJ*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994, p. 149-155.

WHITE, Hayden. Auerbach's Literary History – Figural Causation and Modernist Historicism. *Figural Realism – Studies in the Mimesis Effect*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1999, p. 87-100.